

Limites do social

Como tem a política à flor da pele, o presidente capitaliza como poucos os bons resultados do seu governo. É desde a semana passada, com a divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, e da análise da FGV sobre a evolução da pobreza e da miséria, feita a partir da mesma pesquisa, o presidente tem podido exercitar ao máximo a sua divisão da história do Brasil em AL e DL, Antes de Lula e Depois de Lula.

Para se creditar cada avanço do país a quem de direito, teríamos, na verdade, de retornar, no mínimo, à abertura dos portos às nações amigas, no século XIX, no Império, e chegar até à FH, com sua contribuição à estabilização e na sedimentação de princípios de política econômica sem os quais o governo Lula teria fracassado logo no início.

Só muita má vontade com o governo Lula para desmerecer o aumento da renda do trabalhador em 7,2% em 2006 e os avanços sociais, como a saída, no ano passado, de cerca de 6 milhões de pessoas da linha de pobreza. Porém, muito mais importante do que a medíocre competição entre políticos na disputa pelo troféu de salvador do pobre é discutir se o governo Lula tem mostrado condições de garantir as conquistas e manter a trajetória de crescimento com redução das desigualdades sociais

Apesar da euforia em Brasília, há

dúvidas sobre a possibilidade de sucesso do governo, embora todos torçamos para que o Brasil mude de patamar de desenvolvimento. O nó da questão está na impossibilidade de esse salto ser dado à base do assistencialismo, da expansão dos gastos em custeio e da hipertrofia do Estado.

Embalado por um ciclo histórico de expansão da economia mundial, o governo começa a colher os dividendos da aceleração do crescimento interno, sem atentar para a necessidade de conter as despesas. Ao contrário, expande-as e exagera em gastos cujo efeito para o desenvolvimento é nulo ou quase isso. Caso do assistencialismo. Só em bolsas e programas do tipo prevê-se um aumento de 27,8% para o ano que vem, de eleições municipais — não por acaso.

Ora, programa social de êxito é aquele que se extingue porque o beneficiário empregou-se e passou a ter renda própria compatível com suas necessidades. O Bolsa Família, pelo menos até hoje, não se enquadra nesse modelo.

O estudo da FGV mostra que em Santa Catarina a pobreza retrocedeu mais que no Nordeste, o parâmetro do Bolsa Família. Deveria chamar a atenção de Brasília o fato de Santa Catarina ser um estado em que, por força do empreendedorismo, as pessoas avançam mais pelo esforço próprio do que pela mão paternalista do Estado.